

JORGE AMADO E OS ESTUDOS DE UMA CULTURA POPULAR

Maria Lívia Ferreira dos Santos¹
Márcia Rios da Silva²

Resumo: Este artigo propõe-se a apresentar um breve diálogo entre a Geografia, a literatura e a cultura popular, a partir da tese em construção intitulada: Cartografias femininas da Cidade da Bahia: uma leitura do espaço geográfico amadiano (1960-1980), inspirada nas obras: Os pastores da noite (1964), Dona Flor e seus dois maridos (1966), Tereza Batista cansada de guerra (1972) e O Sumiço da santa: uma história de feitiçaria (1988). Autores como Lucília de Almeida Neves Delgado (2009), Edil Silva Costa (2005), Eneida Leal Cunha (2009), foram eleitos para problematizarmos algumas das discussões, por tratarem de noções como cultura, tempo, identidade, oralidade, memória e alguns dos seus desdobramentos. Por meio de relações de trabalho, políticas, culturais, simbólicas e afetivas, notar-se-á como estas construções operavam pelo viés da raça e do gênero, na produção de geografias existenciais na cidade de Salvador daquela época.

Palavras-Chave: Jorge Amado. Representação literária. Cultura popular.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Endereço eletrônico: marialiviageo@gmail.com.

² Professora titular da Universidade do Estado da Bahia. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens/PPGEL (UNEB). Endereço eletrônico: mrsilva@uneb.br.

JORGE AMADO AND THE STUDIES OF A POPULAR CULTURE

Abstract: This article proposes to present a brief dialogue between Geography, literature and popular culture, based on the thesis under construction entitled: Feminine cartographies of the City of Bahia: a reading of the Amadian geographic space (1960-1980), inspired by the works: Os pastores da noite (1964), Dona Flor and her two husbands (1966), Tereza Batista tired of war (1972) and The disappearance of the saint: a witchcraft story (1988). Authors such as Lucília de Almeida Neves Delgado (2009), Edil Silva Costa (2005), Eneida Leal Cunha (2009), were chosen to problematize some of the discussions, as they deal with notions such as culture, time, identity, orality, memory and some of the its ramifications. Authors such as Lucília de Almeida Neves Delgado (2009), Edil Silva Costa (2005), Eneida Leal Cunha (2009), were chosen to problematize some of the discussions, as they deal with notions such as culture, time, identity, orality, memory and some of the its ramifications.

Keywords: Jorge Amado. Literary representation. Popular culture.

Introdução

Existe uma conduta observada atualmente nos mais diversos campos do conhecimento. Baseada no intercâmbio de saberes, entendimentos e práticas, ela permite que diferentes disciplinas ressignifiquem seus métodos, ampliem seus alcances e transitem em direções diversas, promovendo uma encruzilhada de saberes, pontos de interseção e diálogos. Suscitando estes encontros, proponho pensarmos a cidade de Salvador a partir de geografias simbólicas e existenciais de personagens, sobretudo, mulheres presentes na produção literária do escritor Jorge Amado.

A Salvador moderna de Jorge Amado factualmente é a cidade que sinaliza mitos, signos, consistência e carisma; é a urbe na qual o fator histórico não é um circuito finalizado, que poder ser esquecido, abandonado. Indiscutivelmente, a cidade da cartografia afetiva do escritor é aquela em que se produzem “vivências” nas quais não se constroem seres sem referências e sem memórias.

Jorge Amado, tanto em vida, quanto em obra, é atravessado por uma diversidade de interposições culturais, sociológicas e espaciais, capazes de perpassar as fronteiras do país e se espalharem por todo o mundo. É preciso reconhecer a positividade alcançada quando o autor propõe dignidade ao oprimido, que não era visto por ele como um produto inerte e submisso ao sistema, mas como um ser atuante e capaz de ressignificar seus espaços, politicamente. Optar pelos subalternos e elevá-los a sujeitos do seu próprio destino demarca a singularidade de toda sua ficção.

Seus encontros, vivências, criatividade, celebrações, também são valorizados ao reportar-se a temas que circundam a existência quotidiana e factual da realidade regional e nacional de boa parte dos sujeitos sociais das periferias geográficas de Salvador, do Brasil e do mundo. "Jorge Amado fez pela projeção da nação brasileira mais do que todas as instituições diplomáticas juntas". O dono da frase é o escritor Moçambicano Mia Couto em uma fala realizada em São Paulo, transcrita posteriormente para a coletânea de ensaios "*E Se Obama Fosse Africano?*", lançada pela Companhia das Letras em 2011. Sobre este seu compromisso (AMADO, 1979) afirma:

Com o povo aprendi tudo quanto sei, dele me alimentei e, se meus são os defeitos da obra realizada, do povo são qualidades porventura nela existentes. Porque, se uma virtude possui, foi a de me acercar do povo, de misturar-me em sua realidade. Quem não quiser ouvir pode ir embora, minha fala é simples e sem preensão (AMADO, 1979, p. 89).

O objetivo deste trabalho é buscar pontos possíveis de encontro entre a pesquisa proposta na tese em construção intitulada: *Cartografias femininas da Cidade da Bahia: uma leitura do espaço geográfico amadiano (1960-1980)*, inspirada nas obras: *Os pastores da noite* (1964), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *O Sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988), e a relação de Jorge Amado com elementos da Cultura Popular. A partir de autoras como Lucília de Almeida Neves Delgado (2009), Edil Silva Costa (2005) e Eneida Leal Cunha (2009), buscaremos realizar essas conexões, por tratarmos de noções como cultura, tempo, identidade, oralidade, memória e alguns dos seus desdobramentos. Para além das obras eleitas, a discussão proposta neste artigo, irá recorrer a outros romances de Jorge Amado como *Mar Morto* (2012) e *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* (1961), por apresentarem movimentos significativos, para pensarmos Jorge Amado e sua obra, como elementos salutares para a compreensão de processos sociais, políticos, econômicos, culturais, simbólicos e afetivos do país e do seu povo.

A emergência de uma cultura para todos (as) (es)

Difícil de se traduzir ou compreender mesmo eternizada em livros, fragmentos de escrita, capturada em fotografias ou reproduzidas em artefatos artísticos, a cultura é fruto direto, de coletividades que mudam incessantemente, transformando a si mesmas e as paisagens a sua volta. Para Stuart Hall (2009), a noção de cultura é:

Definida como um processo original e igualmente constitutivo, tão fundamental quanto a base econômica ou material para a configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos e não uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento. A "linguagem" fornece, portanto, um modelo geral do funcionamento da cultura e da representação,

especialmente na chamada abordagem semiótica, sendo está o estudo ou a ciência dos signos e seu papel enquanto veículos de sentido numa cultura" (HALL, 2009, p. 26).

A separação entre esses dois polos, dentro do conceito de cultura, foi impulsionada por intelectuais europeus, ainda na segunda metade do século XVIII, quando sua noção, conforme assina (CUNHA, 2007), se aproximava ao de civilização e de civilidade, designando o desenvolvimento material e imaterial da humanidade, sendo por meio da palavra folclore ("saber do povo"), que demarcaram os limites das manifestações culturais das elites em relação às massas. No século seguinte, desponta a compreensão de cultura que a enxerga não mais como a universalidade de valores de uma civilização, mas, como modo de vida característico de um povo, tendo sua singularidade expressa por meio de uma língua, costumes e valores, modo que fará fortuna no século seguinte, a partir de expressões como "espírito de um povo", preservado até um período relativamente recente, enquanto cultura nacional.

O interesse pela cultura popular é um fenômeno considerado novo, pois, somente nas últimas décadas do século XX, que os cânones e as estruturas científicas, se rendem e vivem sua mudança epistemológica mais latente. É nesse período que passam a se interessar pela "margem", em detrimento dos seus ilustres personagens, sendo esse movimento também fruto de uma luta incessante desses sujeitos por visibilidade e aceitação. Cunha (2007), afirma que as demandas do momento presente em torno da ideia de cultura, insurgem, sobretudo, de dentro da própria comunidade nacional, enquanto expressão de vivências minoritárias representadas nas vozes afrodescendentes e das releituras da cultura nacional empreendida pelas mulheres, orientadas pelo viés da desconstrução da noção original, para insuflar potenciais revolucionários e emancipadores.

A cultura da despotencialização do homem negro

O texto da professora Edil Silva Costa, *Oralidade e mestiçagem* (2005) apresenta entre suas reflexões, elementos que problematizam o lugar histórico sociocultural, relegado a população negra no Brasil, que a partir da colonização, submetem os corpos negros a incontáveis processos de despotencialização de suas identidades e negação de suas humanidades. Sobre isso ela infere: “É sempre enfatizado o aspecto moralista e conservador da literatura popular. O racismo não é só um traço complementar, mas estruturante desse conservadorismo (COSTA, 2005, p. 85).

A professora aponta o conservadorismo existente na própria cultura popular e denuncia o projeto racista que interfere diretamente nas relações de pertencimento das comunidades. A autora coloca:

Assim, a personagem é colocada em uma situação de inferioridade, sendo punida com a morte, como a Moura Torta. Em ambos os casos, a mensagem declarada é: elas não são castigadas e mortas porque são negras, mas porque são ruins. O detalhe dos mais serem negros e os bons é considerado algo perfeitamente natural. Aliás, o não está relacionado à cor preta, e o demônio é quase sempre representado pelo negro. As descrições físicas geralmente detalhadas indicam não só a cor da pele, mas também a feiúra e o grotesco, como elementos relacionados ao mal (COSTA, 2005, p. 84).

Ainda sobre esse lugar da expropriação simbólica, afetiva e social forjada em torno da existência negra, observa-se que a figura infantilizada, sempre associada ao homem negro, é mais um objeto de opressão e dano para a construção de sua autoestima. Frantz Fanon (1983) chamava este exemplo do negro despotencializado, de *petit nègre*. Um tipo de linguagem específica utilizada pelo branco para menosprezar, humilhar e infantilizar homens negros: “[...]um branco, dirigindo-se a um negro, comporta-se exatamente

como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas” (FANON, 1983, p. 53).

Nessa perspectiva, o sujeito e suas identidades seriam frutos de certa estrutura identificada com uma lógica racional, produto de uma construção que vislumbra, de modo meiodeterminista, a relação sociedade e eu. As identidades têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo em que nos tornamos. Hall (2003) observa:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional — isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2003, p. 9).

Trata-se de elementos que ainda tensionam a existência de sujeitos negros e a maneira como produzem suas identidades na cidade do Salvador. Não é por acaso que grande número dos bairros periféricos tem um homem negro mentalmente desequilibrado, alcoólatra ou dependente químico jogado pelas ruas, com suas identidades e perspectivas estraçalhadas. Em *Mar morto*, Jorge Amado nos contou sobre um desses homens: “Ria muito o negro Rufino. Bebia muito, também, e cantava com uma voz baixa, que fazia silenciar, todas as outras” (AMADO, 2012, p. 39). Em *Dona Flor e seus dois maridos* (1979), o autor volta a reproduzir,

em uma das personagens, estereótipos largamente comuns, sobretudo naquele contexto:

Figura torva e amedrontadora essa do negro Paranaguá Ventura com suas incontáveis entradas na polícia, um rol de acusações jamais completamente provadas, sua fama deladrão, estuprador e assassino. Por crime de morte respondera a júri e fora absolvido mais por falta de coragem dos jurados do que por falta de provas. Diziam-no autor de dois outros assassinatos, sem falar na mulher esfaqueada na Ladeira de São Miguel, em pleno meio-dia, pois essa escapara por um triz. O covil de Paranaguá, frequentavam-no apenas capadócios profissionais de baralhos marcados, gatunos, batedores de carteira, vigaristas, gente sem nada mais a perder. Pois bem: até lá chegava Vadinho com seu magro dinheiro e seu riso alegre, e talvez fosse ele um dospoucos eleitos a poder gabar-se de haver ganho alguma vez nos dados viciados de Paranaguá (AMADO, 1979, p. 5).

Na verdade, trata-se de um projeto de controle e de atrofia de personalidades e de formas outras de experiências, que vão desde a anulação das mínimas possibilidades de subsistência econômica até o aterramento dessas subjetividades. Marcas do processo de colonização, escravização e precarização do nosso povo e de suas existências se fazem presentes no espaço geográfico de Salvador, ao longo dos séculos. Tais valores e interesses não se habituam em considerar especificidades das comunidades locais, nem a relação de pertencimento com os espaços, que costumam moldar e condicionar sujeitos e parâmetros. “Assim é o mundo, povoado de céticos e negativistas, amarrados, como bois na canga, à ordem e à lei, aos procedimentos habituais, ao papel selado” (AMADO, 1961, p. 14).

Todos estes elementos caracterizam um tipo de desorganização da personalidade, infâncias e experiências dos sujeitos negros. Amado mais uma vez aponta esse

processo de desumanização em *Mar morto*: “Era medo de Rufino com certeza, medo da vingança do negro, dos braços musculosos dele, forte do remo o dia inteiro na canoa” (AMADO, 2012, p. 154), assim como em *A morte e a morte de Quincas Berro D’Água*: “Mais assustadora ainda que os seus soluços era a gargalhada do negro. Foi uma trovoadas no quarto e Vanda ouvia um outro riso por detrás do riso de Pastinha: Quincas divertia-se uma enormidade” (AMADO, 1961, p. 66).

Ainda é possível observar outras referências à construção da identidade dessa personagem no trecho abaixo:

Negro Pastinha acordou quando sentiu o cheiro de cachaça. Antes de começar a beber, Curió e Pé-de-Vento acenderam cigarros; cabo Martim, um daqueles charutos de cinquenta centavos, negros e fortes, que só os verdadeiros fumantes sabem apreciar. Passara a fumaça poderosa sob o nariz do negro, nem assim ele acordara. Mas apenas destamparam a garrafa (a discutida primeira garrafa que, segundo a família, o Cabo levava escondida sob a camisa) o negro abriu os olhos e reclamou um trago (AMADO, 1961, p. 73).

Sinais do processo de precarização do povo negro e de suas existências, que continuam ocupando o espaço geográfico de Salvador, ao longo dos séculos, criando e recriando elementos identitários e diferentes sociabilidades.

O lugar da contravenção e da resistência

A herança colonial, os interesses da elite que aqui se estabeleceu e o preço de um regime escravagista de quase 400 anos, culminaram em muitas das mazelas da população negra e empobrecida que a cidade abriga. Sempre contraposto àqueles que, tendo nas veias o sangue de escravagistas, que seguem mantendo seus privilégios e

opiniões, o povo pobre da Bahia assegura sua capacidade de resistir, ressignificar e seguir valorizando seus antepassados, mudando, assim, o curso de suas histórias. A professora Edil Costa em seu texto, fala sobre esse compromisso ancestral que permite que povo negro, mesmo diante de uma organização sistemática de negação das suas existências resistirem:

Nos relatos recolhidos, o universo ancestral africano se presentifica, reafirmando-se nas ações cotidianas de seus membros. É essa mesma busca da identidade ancestral que leva os negros urbanos a cantarem a "Mama África" e dizerem "A África é aqui!", chegando até à negação da mestiçagem, ao proclamarem-se "100% negros". Na verdade, tudo isso revela uma busca angustiada de si mesmo e de um abrigo anterior à intolerância e ao preconceito (COSTA, 2005, p. 93).

Nem às condições de extrema brutalização, nem o racismo institucionalizado e eugenista, nem mesmo os processos de aculturação e silenciamento, ou ainda a distância ou o passar do tempo, foram suficientes para aniquilar totalmente às memórias, herança africana, o sentimento ancestral do povo africano em sua diáspora no Brasil. Sobre a capacidade do tempo, atuar sobre o espaço, reconfigurando suas articulações, a Professora Lucília de Almeida Neves Delgado (2009), nos fala sobre essa condição que o tempo apresenta:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidade e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2009, p. 33).

O período povir a escravização foi, e ainda é marcado por inúmeros processos, tanto conjunturais, estruturais e simbólicos, que colocaram diante da população negra, o maior dos desafios presentes na história recente desse país. O de sobreviver, mesmo diante da operacionalização de um sistema que quando não mata, sequestra, estupra, explora e humilha. A autora segue em sua contribuição, quando nos evidencia a força de transformação que o tempo carrega, e de como ele atua, no sentido de imbricar histórias individuais e coletivas na produção espacial das comunidades:

História em transformação são confirmadas por processos e acontecimentos. A História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, por decorrência, no mínimo duas dimensões: temporal coletiva e temporal individual. Dimensões que, acopladas, conformam experiências únicas, através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao rever sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas (DELGADO, 2009, p. 36).

Quando pensamos em vivências e individuais e construções coletivas, inevitavelmente, o papel que mulheres e que mais especificamente, as mulheres do imaginário ficcional de Jorge Amado, pensamos em como a figura feminina tem cumprido um papel fundamental diante do tempo-espço na manutenção da identidade, legado intelectual, material e afetivo da população negra em Salvador. Nessa mesma direção, a religiosidade, indiscutivelmente assume o lugar da manutenção e defesa da cultura africana, no território da Cidade da Bahia.

Neste sentido, o Candomblé cumpre papel fundamental ao alimentar representações identitárias africanas, compartilhar estes trajetos e contribuir para a construção de relações de pertencimento e fortalecimento destas coletividades, sobretudo, de mulheres. Jorge Amado, em *Capitães da areia*, descreve suas personagens femininas

como verdadeiras entidades, regidas por uma força e representatividade descomuns, capazes de transcender a vida e perpetuar-se para além da morte:

As mulheres mais valentes da terra e do mar da Bahia, quando morriam viravam santas para os negros, como os malandros que foram também muito valentes. Rosa Palmeirão virou santa num candomblé de caboclo, rezam para ela orações em nagô, Maria Cabaçú é santa nos candomblés de Itabuna, pois foi naquela cidade que ela mostrou sua coragem primeiro. Eram duas mulheres grandes e fortes. De braços musculosos como homens, como grevistas. Rosa Palmeirão era bonita, tinha o andar gingado de marítima, era uma mulher do mar, certa vez teve um saveiro, cortou as ondas da entrada da Barra. Os homens do cais a amavam não só pela sua coragem como pelo seu corpo também. Maria Cabaçú era feia, mulata escura, filha de negro e índia, grossa e zangada. Dava nos homens que a achavam feia. Mas se entregou toda a um cearense amarelo e fraco que a amou como se ela fosse uma mulher bonita, de corpo belo e olhos sensuais. Tinham sido valentes, viraram santas nos candomblés que de quando em vez inventam novos santos, não têm aquela pureza de rito dos candomblés nagôs dos negros. São candomblés dos mulatos (AMADO, 2008, p. 328).

A Umbanda e o Candomblé, na escrita amadiana, aparecem como práticas de valorização, reconhecimento cultural e exemplo de resistência de um povo silenciado e negado em tantos outros aspectos. A religiosidade expressa na narrativa de Jorge Amado manifesta-se como experiência de resistência e ancestralidade. Como fator histórico, geográfico e social de um povo. No processo de contravenção protagonizado pelos movimentos de luta no povo negro, ela revela-se como elemento cultural e como força motriz e reveladora do empoderamento de um povo que mesmo diante das condições mais adversas, sorri, cria possibilidades, condições de enfrentamento e resignificação de suas

trajetórias, sem esquecer o compromisso ético e político que carrega para si e para os seus.

Considerações finais

Assim como as noções de cultura aqui brevemente discutidas, as obras de Amado, que iluminaram esse debate, por meio de um processo dialético constante, apresentaram dois ambientes distintos e paradoxais, o primeiro ambiente é onde os personagens estão identificados com a cultura erudita que não por coincidência é branca, eurocentrada e comandada pelas elites que se impõem por meio do seu poder, autoritarismo, regras familiares, repressões sociais, econômicas, culturais e identitárias. Ambiente este, em que os indivíduos são condicionados a conviver e a se submeter.

O segundo ambiente é a luta pela liberdade, descontrole, exageros e malandragem nos locais públicos, a manifestação dos desejos reprimidos em casa, entre eles a embriaguez e a prostituição. Este último é o que se reconhece no conceito de cultura popular, que apesar das contradições que carrega, resiste e se realiza nas entrelinhas da cultura dominante ora recusando-a, ora aceitando-a, ou adaptando-se a ela.

Talvez seja necessário que enxerguemos como instrumento de problematização da realidade, palco de reivindicações, lugar de compreensão das dimensões culturais e sociais, como processos diversos e multifacetados, em constante processo de construção, criação e recriação. É preciso realizar o exercício assim como Jorge Amado em seu legado de dar lugar de voz as populações historicamente silenciadas com o consentimento científico e ir além das dualidades e das fronteiras que limitam a magnitude e potência do seu conceito.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*. 86. ed. Rio de Janeiro: Record, 1961.
- AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. Bahia: Martins, 1972.
- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- AMADO, Jorge. *Os pastores da noite*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- AMADO, Jorge. *O sumiço da santa: uma história feitiçaria. Romance baiano*. São Paulo: Cia das Letras, 2010b.
- AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- COSTA, Edil Silva. *Comunicação sem reservas: ensaios de malandragem e preguiça*. 2005. 236 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? E outras intervenções*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- CUNHA, Eneida Leal. A emergência da cultura e a crítica cultural. *Cadernos de estudos culturais*. Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, p. 73-82, jul/dez. 2009.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral, [S. l.]*, v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6io.62. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- HALL Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. jul./dez e 1997. v. 22. p. 20.

[Recebido em: 5 abr. 2022 — Aceito em: 11 out. 2022]